

Conquista de mundos ***Conquering worlds***

Elisabeta Ecaterina Necker*

Cheguei a Portugal no mês de Abril de 2000, logo após ter terminado a licenciatura na Universidade Politécnica de Timisoara, Faculdade de Engenharia Electro-Energética, na Roménia, tendo-me sido conferido o grau de Licenciada como Engenheira de Energia Eléctrica, depois de cinco anos de estudo universitário.

Parti do meu país de origem, a Roménia, com a perspectiva de uma vida melhor e com esperança de encontrar um país onde o facto de ser mulher não significava, à partida, uma desvantagem, onde estaria em pé de igualdade com os homens.

O primeiro contacto com o Ocidente foi bastante chocante quando me vi obrigada a deixar o autocarro, que me levaria a Lisboa, na fronteira de Espanha com a França. A razão era que mesmo tendo um visto para o Espaço Schengen, não cumpria todas as condições que um turista devia cumprir.

Pela primeira vez fui obrigada a pensar como um imigrante e com os poucos conhecimentos de língua francesa, que ainda tinha adquirido dos meus tempos do liceu, convenci um motorista de táxi, a custo, a fazer-nos passar a fronteira.

O motorista aproveitando-se da situação concordou e levou-nos a todos a Bilbao, acompanhado por mais um colega, pois éramos aproximadamente nove pessoas, todos de igual condição. Quando passávamos a fronteira o motorista pediu-me a sorrir para não levantar suspeitas e tudo o que me lembro de lhe dizer em francês foi " Estou muito cansada!".

Depois de um mês em Portugal, em Junho de 2000, comecei a trabalhar em obras de construção civil como empregada de limpeza pesada, mas a maioria das vezes como servente numa equipa constituída por mim, uma moldava e uma ucraniana. Para podermos comunicar, eu e a colega ucraniana tivemos de aprender as duas a língua portuguesa. Aproveitava, então, as horas de almoço, enquanto os outros estavam a descansar, para aprender a gramática da língua portuguesa.

Como tinha conhecimentos de informática e competências organizativas passei a ser secretária pós-laboral de um empresário romeno, de seu nome individual Ghita Luca, que tinha pessoal imigrante a trabalhar na mesma zona. Desta forma, ajudei a legalizar aproximadamente 80 trabalhadores romenos, instruindo e resolvendo os processos burocráticos e morosos tais como, o preenchimento de formulários, pagamentos, recibos e folhas de Segurança Social.

* Presidente da Associação de Romenos e Moldavos no Algarve / President of the Association of Romanians and Moldovans in Algarve.

Após aproximadamente nove meses de trabalho, durante os quais aprendi a fazer massa para juntas e outros trabalhos de construção, que normalmente são especificamente masculinos, e sabendo que a obra ia terminar em breve, tive a coragem de pedir ao responsável da obra para me arranjar trabalho. Nesta altura, já estávamos em Fevereiro de 2001, e fui promovida a empregada de limpezas nas vivendas de luxo nos Pinheiros Altos e, dado ter conseguido um bom contrato de trabalho, legalizei-me na primeira vaga de legalizações efectuadas em 2001.

Como era uma boa empregada, e também devido ao facto de ser bastante reservada, fui notada pelo director financeiro do grupo de administração dos Pinheiros Altos e comecei a trabalhar só em casa dele em Santa Catarina, Loulé. Ganhando a confiança do Senhor Paul, o director financeiro do grupo Pinheiros Altos naquela altura, ano de 2001. O mesmo ofereceu-me algumas horas de trabalho num bar na *Quinta Shopping*, para substituir uma pessoa que se tinha ido embora.

Foi um período difícil da minha vida, com muitas humilhações, um tempo em que me senti explorada em troca de um ordenado irrisório, mas não queria desistir de maneira nenhuma de sonhar que a minha vida ia melhorar num futuro não muito longe.

No início da primavera de 2001 fiquei grávida e fiquei de baixa médica a partir dos cinco meses de gravidez. Durante a gravidez aproveitava o tempo livre, quando me sentia suficientemente forte, para ajudar os meus concidadãos romenos com problemas que eu já tinha enfrentado, tentando sempre descobrir maneiras de reduzir a burocracia. Comecei a realizar traduções reconhecidas pelo Cartório Notarial, a assistir a diversos processos de inscrição na Segurança Social, aconselhamento referente aos contratos de trabalho e outros.

Tive a minha filha em Fevereiro de 2002 e depois dos 4 meses de baixa maternal, quando deveria regressar ao trabalho, o meu contrato não foi renovado, pois a empresa sentia-se prejudicada pelo meu direito de amamentar, o que levou a uma redução do tempo de trabalho, podendo apenas trabalhar cinco horas por dia.

Entretanto, inscrevi-me no Centro de Emprego em Agosto de 2002 e comecei a receber o subsídio de desemprego. Enquanto desempregada cuidava da minha filha e aproveitei para tirar o primeiro e o segundo nível de Língua Portuguesa como língua estrangeira, curso gratuito promovido pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional.

Tentei obter a equivalência do meu curso universitário, mas não me foi concedida a equivalência devido à falta de compatibilidade de algumas disciplinas teóricas que, considero eu, nada têm a ver com o meu curso, por exemplo técnicas de conversação e química, esta última tendo sido, posteriormente, retirada do plano curricular da licenciatura oferecida em Portugal.

Em Março de 2003 estava a ajudar uma pessoa conhecida a procurar trabalho, como empregada de limpeza numa empresa de administração de propriedades, uma vez que não tinha conhecimentos de língua portuguesa suficientes para se apresentar

sozinha a uma entrevista. Enquanto estava a tentar convencer os responsáveis das capacidades e qualidades da minha conhecida estes interrogaram-me sobre as minhas habilitações e conhecimentos. Depois de falar um pouco sobre a minha falta de experiência para trabalhar num escritório apresentei o meu currículo que tinha sempre comigo dentro do carro, à espera da oportunidade certa...

Após algumas horas, a gerente da empresa, a Sra. Fefa Casco Reid contactou-me telefonicamente para me propor um trabalho no departamento de contabilidade. Nem quis acreditar, mas aceitei logo a proposta que me estava a ser feita, bem acima das minhas expectativas!

Em Março de 2003 comecei a trabalhar como assistente administrativa na empresa Crown International Services. Foi-me entregue o livro de cheques logo na primeira semana e mesmo que nunca na minha vida tivesse passado um cheque, tive que aprender rapidamente a fazê-lo porque no final do mês os empregados da empresa tinham que receber. Foi um teste que passei com brio.

Quando no departamento de contabilidade, em que até então era a única funcionária apareceu a minha actual chefe, directora de departamento financeiro, a Sra. Carla Conreiras e a minha carreira começou a progredir visivelmente. Aprendi junto da minha chefe e das minhas colegas de trabalho que na vida tudo é possível quando se quer realmente e formamos uma óptima equipa, que funciona muito bem até ao dia de hoje.

Aprendi muito, introduzimos um sistema informático que fez com que a nossa empresa evoluísse bastante. Comecei a aprender como funciona o sistema fiscal português, aprendi noções de contabilidade totalmente desconhecidas até aquela altura, tirei vários cursos de fiscalidade, secretariado e contabilidade, que me ajudaram muito no meu trabalho.

Em 2006, num momento de impasse para a empresa tivemos que assumir a contabilidade das três empresas que se encontram em nome da minha patroa, a Sra. Shirley Dunne. Fez-se então um acordo com o Gabinete de Contabilidade Sovereign, com sede em Lagoa, um acordo onde se mencionava que nos comprometíamos a realizar a contabilidade das empresas ficando eles responsáveis, na qualidade de TOC de verificar e assinar a nossa contabilidade.

Sendo assim, e como a confiança da minha chefe nas minhas capacidades era grande, investiram num curso intensivo de contabilidade de duas semanas no Gabinete de Contabilidade Sovereign onde aprendi o que significava a contabilidade portuguesa, os lançamentos, o crédito e débito. A partir daquela data a minha responsabilidade na empresa aumentou, sendo hoje responsável pelos pagamentos, processamentos dos ordenados, facturação, lançamentos, pagamentos à Segurança Social, pagamento da retenção na fonte e tentando estar sempre actualizada enquanto as leis fiscais mudam semanalmente.

Em Fevereiro de 2005 assinei a escritura do meu apartamento T2 em Almancil, sendo a primeira romena a conseguir um empréstimo bancário sem fiador.

Este foi o meu percurso em Portugal e o que fez aquilo que sou hoje!

Em Janeiro de 2006, depois de ter sido aprovada com sucesso no exame organizado pela Embaixada da Roménia, em Lisboa, comecei a trabalhar como tradutora reconhecida da mesma e, também, a prestar apoio como intérprete e tradutora no Tribunal Judicial de Loulé, no Posto de GNR de Almancil, da Quarteira, Vilamoura e Faro.

Em Setembro de 2006 e no âmbito dos Concursos Especiais de acesso à Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências e Tecnologia, consegui entrar com vista à obtenção do reconhecimento do meu curso universitário. Após ter concluído com sucesso o primeiro exame, o exame de Química, uma disciplina que só tinha estudado no sétimo ano de escolaridade na Roménia, aliás tive orgulho redobrado de ser aprovada apesar do mesmo ter sido realizado numa língua estrangeira. Ainda assim, desisti da Universidade para poder passar o pouco tempo livre que ainda tinha com a minha família e com a minha filha de cinco anos. Também não me agradava nada a ideia de perder o meu tempo com um curso que já tinha tirado e para qual tenho uma Licenciatura.

Em Outubro de 2006 entrei na Assembleia da Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento de Escolas de Almancil, sendo desde então um membro activo da associação, lutando pelo bem-estar dos alunos, pensando, igualmente, na minha filha, que andava no Jardim de Infância de Almancil.

Em Outubro de 2006, sendo já conhecida como um membro activo da comunidade estrangeira de Almancil, fui convidada para uma reunião em Quarteira onde me encontrei com membros da Associação Graal e do Banco de Tempo de Quarteira para discutir os problemas dos imigrantes, a interculturalidade e outros assuntos de real interesse, tanto para nós como estrangeiros como para a sociedade portuguesa.

Como resultado destas reuniões e das “tertúlias” do projecto “Vamos Utopiar” formámos um grupo de 25 pessoas que representei como porta-voz juntamente com o Sr. Dudas Ion, em Lisboa, no Fórum da Interculturalidade, onde apresentámos as conclusões e as soluções encontradas por nós para alguns problemas que se levantaram durante as reuniões.

De caminho de volta para o Algarve, enquanto escutava as conversas dos participantes do Fórum e o interesse manifesto por estes nos assuntos debatidos durante o mesmo, percebi que a união faz a força. Estabeleci, igualmente contacto com os membros do Banco do Tempo de Quarteira, a Sra. Gilberta e a Sra. Isabel Pinto que me fizeram ver com outros olhos a nossa integração na sociedade portuguesa.

Em Dezembro de 2006 comecei a preparar, com o apoio de uma amiga minha da República da Moldávia, a Sra. Mariana Melintii e com o Sr. Ion Dudas, um Cabaz de Natal para angariar fundos para criar uma associação de apoio aos meus conterrâneos. A extracção da rifa que ganhou o Cabaz de Natal foi realizada na Igreja Ortodoxa de Faro com o apoio do Sr. Padre Ioan Rasnoveanu.

No dia 5 de Janeiro de 2007 assinámos a escritura da *Doina - Associação de Imigrantes Romanos e Moldavos no Algarve*, escritura que foi publicada no Diário da República em 19 de Fevereiro de 2007.

A nossa primeira acção, o “Concurso de Miss Martisor”, combinação de tradição, divertimento e alegria, foi um sucesso a nível local. A realização do evento não foi difícil, mas achava que estava a dever um evento desta envergadura aos meus conterrâneos, para demonstrar que na vida trabalhar não é tudo e que temos de parar, de vez em quando, e lembrar aquilo que somos, dar a conhecer as nossas tradições, incentivar os nossos adolescentes e apoiar as nossas crianças mais pequenas.

As organizações com quem colaboramos actualmente são as seguintes: ACIDI, Junta de Freguesia de Almancil, ASCA Almancil, Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento de Escolas de Almancil, Banco de Tempo Quarteira, Graal Lisboa, Posto de GNR Almancil, de Quarteira, de Vilamoura, de Loulé, de Faro, Tribunal Judicial de Loulé, Consulado Honorífico da Roménia de Vilamoura, Câmara Municipal de Loulé, CLAI Faro, Embaixada da Roménia de Lisboa, Instituto Cultural Romeno de Lisboa e Igreja Ortodoxa de Faro.

Actualmente a Associação Doina tem dois anos e meio desde o dia da assinatura da escritura e olhando para trás reconheço as dificuldades passadas, mas não posso deixar de reconhecer e sorrir comigo mesma por cada um dos sonhos que se tornaram realidade. Foi um caminho feito passo a passo, caminho percorrido com dignidade e com o cuidado de conservar os princípios fundamentais, nos quais a Doina foi criada: a amizade, o respeito e a humildade.

Existiram momentos em que estivemos prestes a desistir mas depois de pouco tempo damos conta que não podemos, de maneira nenhuma, desistir de ter esperança e de sonhar. Fazemos isto por nós e pelos nossos filhos.

Considero que o mais importante é que, mesmo sonhando, temos perfeita consciência do impacto que as nossas acções podem ter e estamos conscientes de outras realidades, por exemplo da realidade de um imigrante que muitas vezes está em Portugal só para ganhar dinheiro o mais depressa possível e voltar para o país de origem o quanto antes. Um imigrante que prefere não se integrar na comunidade e que nem sequer tenta ganhar algumas raízes, ao fazê-lo esquece que os filhos não querem a mesma vida, que para eles o dinheiro não é tudo. Eles precisam de amigos, precisam de sair e de se divertir, sem se sentirem diferentes e discriminados apenas pelo facto de falar outra língua, e é com estes jovens que estamos a trabalhar porque achamos que é importante e que são eles que representam o futuro de uma Europa de todos.

Temos um grupo folclórico criado em Maio de 2008 e desde então estiveram presentes em mais de 20 espectáculos, dando a conhecer a nossa cultura e as nossas tradições, e o mais interessante é que eles consideram-se como fazendo parte da família Doina, tal como aqueles que frequentam a Escola de língua romena e muitos outros que chegam até nós.

Sobre o grupo folclórico posso dizer que este é formado por jovens entre os 14 e os 25 anos, que na brincadeira, ou não, me chamam de “mãe”, e só tenho 34 anos, mãe de uma filha de 7 anos! No início o trabalho foi muito árduo porque trabalhar com adolescentes requer muitíssima paciência, mas o facto de saber que de algum modo contribuímos para os formar foi e é muito gratificante. Há pouco tempo deram, aos mais velhos, uma preciosa lição: num desfile multicultural organizado pelo Banco de Tempo de Quarteira e pela Doina, quando estavam prestes a actuar no palco o CD de música não funcionou. Eles ficaram parados sem saber o que dizer ou fazer. Houve outros grupos na mesma noite que desistiram pela mesma razão, mas eles não seguiram o mesmo caminho. Dançaram 3 danças sem música, só com os aplausos frenéticos da vasta assistência que tentava acompanhar o ritmo deles. Foram fantásticos e depois do espectáculo os mesmos jovens confessaram que o palco poderia abrir e cair mas eles nunca iriam desistir sem lutar.

O que pode ser mais gratificante do que isto? Eles demonstraram que o nosso trabalho não é em vão.

Nem sempre consigo fazer aquilo que me proponho fazer, mas tento sempre não me desiludir muito com os fracassos. Existem vários casos quando as pessoas nos procuram e nos pedem ajuda em situações que ultrapassam a nossa capacidade de resposta. São pessoas com doenças, pessoas com dificuldades e também existem as pessoas que depois de acidentes de trabalho ficam incapacitadas e vêem a vida delas com um futuro muito cinzento. A resposta da Rede Social e de outras instituições do Estado é basicamente nula ou demora uma eternidade a dar respostas concretas e tudo que podemos fazer, na maioria dos casos, é confiar naquilo que a comunidade criou: as Associações, as IPSS, a Cruz Vermelha Portuguesa, os empresários e a própria comunidade.

Os problemas com os quais qualquer imigrante se confronta no dia-a-dia são, também, comuns à comunidade receptora, e é por isso que acho importantíssimo a plena integração. Eu sei que existe racismo e que isto representa uma das principais barreiras no caminho da integração mas, às vezes quando gritamos injustiça, devíamos pensar duas vezes se nós próprios não cometemos os mesmos erros.

Tive a oportunidade de ser convidada para a comemoração do Dia de Discriminação Racial e, quase no fim, dei conta que na sala onde se debatia com muita efervescência o tema de discriminação racial existiam duas filas separadas de cadeiras, uma de brancos e outra de cor. Foi por acaso que cada um se sentou assim, mas inconsciente separámo-nos uns dos outros. Não pude deixar de fazer um comentário em público. E, quando o fiz, algumas pessoas levantaram-se e misturaram-se com os outros, criando aquilo que devemos ser: uma comunidade, mais nada, sem outros nomes, sem outros adjetivos. Uma comunidade.

Se pudesse voltar atrás não mudava muita coisa na minha vida porque agora tenho aquilo que sempre desejei: a felicidade. Sou feliz porque deixei de me preocupar em demasiado, deixei de ter medo e adquiri outros valores. Acredito nas pessoas e acre-

dito em mim. Confesso que nem sempre fui assim e irritava-me com muita facilidade por tudo e por nada, mas aprendi a analisar melhor todas as situações e de não tomar conclusões precipitadas. Alguns podem pensar que as formações e competências não formais não servem para nada, mas posso dizer pela minha própria experiência de vida que aprendi muitíssimo.

Com as minhas colegas da Associação de Pais do Agrupamento de Almancil participei num seminário organizado pelo ACIDI na Escola de Loulé sobre mitos e factos da imigração. Confesso que acreditava que sabia tudo sobre o tema, só pelo simples facto de ser uma imigrante, mas quando nos puseram a analisar uma situação fictícia, uma história sobre uma mãe e um filho, eu vi o pior cenário possível, embora a partir da história que lemos dificilmente se podia deduzir tudo o que imaginávamos. Mas a minha mente estava sempre de guarda, sempre a pensar no que é que pode correr mal e esqueci-me de analisar os factos a frio. Conclusão: nem sempre as coisas são aquilo que aparentam ser.

A nossa vida agora divide-se entre família, trabalho e reuniões na Associação, na Junta de Freguesia e muitas outras instituições privadas e públicas que nos contactam todos os dias.

Pela primeira vez em 2009, Almancil foi palco da Festa das Comunidades organizada pelas próprias comunidades. Durante quase 3 meses nos reuníamos: eu, representando a Doina, a comunidade de África e da Venezuela, os representantes da Associação de Pais e alguns portugueses entre quais a minha melhor amiga e colega. Afinal, pessoas com pouca ou nenhuma experiência conseguiram realizar uma festa de enorme sucesso para ficar na história.

O céu é o limite para a nossa imaginação.

Criámos história e deixámos a nossa pegada: o Dia de Criança, que desde 2007, ano da constituição da Doina, está a juntar cada vez mais crianças e pais; o concurso de *Miss Diáspora Romena em Portugal*, o *Desfile Multicultural em Quarteira* e muitos outros eventos. Recriamos as nossas tradições, enriquecendo assim a cultura portuguesa com novos hábitos e tradições.

Nem tudo é sempre cor-de-rosa, não existe uma sede da Associação e normalmente os encontros com aqueles que nos pedem apoio é feito na rua ou na minha casa, por enquanto não existe outra alternativa. De qualquer forma não perco a esperança de que um dia iremos conseguir ultrapassar estes obstáculos, continuando assim a pensar positivo: não temos só uma sede, temos várias. Gosto de ver a parte cheia do copo.

Sinto-me mesmo assim às vezes triste quando vejo o pouco interesse que o associativismo tem em todas as comunidades, as pessoas não fazem ideia do quanto podem mudar pelo simples facto de não estarem sozinhas, de partilhar experiências tanto boas como as outras menos felizes porque a união faz a força. Tentamos sempre encontrar respostas para as dificuldades comuns e para as extraordinárias. Agora por exemplo estamos a preparar uma candidatura para um projecto de formação modular de qualificações que vai permitir obter a equivalência ao 12 ano de escolaridade a todos os interessados, de forma a ultrapassar a crise e de seguir um caminho melhor.

Foi há pouco tempo que um dos nossos jovens nos disse que só falta incentivá-los a serem astronautas porque de resto fazem de tudo: estudam, dançam, cantam, trabalham, são futebolistas e ultimamente, palhaços, empregados de mesa, políticos e muito mais, não necessariamente nesta ordem.

Para aqueles que se perguntam se isto tem futuro, ou se podem fazer carreira disto, só posso afirmar que sim, podem. Temos uma mediadora sócio-cultural que trabalha na Loja de Cidadão, no CNAI de Faro, a vice-presidente Mariana Melentii; temos a secretária, a Sanda Ciora que pensa ser para o próximo ano Coordenadora de um Projecto Escolhas e temos trabalho *part-time* para algumas pessoas. Ninguém trabalha a cem por cento para a Doina, cada um tem o seu próprio emprego e cada um oferece aquilo que pode: um pouco de tempo, um bolo, uma deslocação, uma canção....

Não podemos fazer mais porque existe um outro grande inconveniente: a falta de equivalência e reconhecimento dos diplomas estrangeiros, sendo poucos aqueles que conseguiram trabalhar na própria profissão. A secretária da Doina é jurista mas trabalha como empregada de mesa, a professora da escola em língua romena é psicóloga infantil mas trabalha como empregada de limpeza.

Eu pessoalmente, na minha qualidade de Engenheira de Energia Eléctrica, se vou para o Centro de Emprego sou classificada como "sabe ler e escrever". Tentei obter a equivalência na Universidade de Algarve e o pedido foi indeferido devido a alguns requisitos, que não tem nada a ver com o curso: Técnicas de Conversação, Inglês...

Como não desisto com muita facilidade e, como já atrás referi, inscrevi-me para o mesmo curso tentando obter o reconhecimento inscrevendo-me novamente, mas estava a pôr em causa o meu trabalho e a minha família, sobretudo a minha filha e cheguei à conclusão que a vida é curta demais para estudar duas vezes o mesmo curso e desisti finalmente depois de um ano. Faço o apelo a todos aqueles que têm competência para mudar alguma coisa nesta matéria: Não nos cortem as asas!

Tenho saudades da Roménia, tenho saudades da minha mãe, da minha irmã, do meu pai e de todos os meus amigos, mas quando vou de férias não consigo encontrar tudo aquilo que a minha alma anseia, não consigo reencontrar os sabores e as vivências de infância senão na cozinha da minha mãe. Vou na estrada e tudo está diferente, mudou muito a minha cidade natal, mudou muito o meu país, mas também eu mudei muito. Vejo tudo com outros olhos, já falo a minha língua materna com sotaque, notando-se logo que sou uma "estrangeira". Interessante é o facto de ser considerada estrangeira em qualquer sítio para onde vou. Já não pertenço a um sítio só, pertenço a vários, não sabendo exactamente quais são as medidas. Sou uma cidadã da Europa.

Eu não me sinto estrangeira, imigrante ou outros nomes que alguns gostam de nos dar. O que eu sinto é que eu sou diferente e não vejo mal nenhum nisso, pelo contrário acho que ser original é uma mais-valia.

A vida continua! Onde existe Doina deve existir mudança! Não prometemos nada mas fazemos tudo para conseguir.

Estamos a tentar implementar mudança e o investimento no futuro é a chave do nosso sucesso.